

LGBTFOBIA NA ESCOLA: O BEIJO ENTRE GAROTAS LÉSBICAS, HOMOSSEXUAIS OU BISSEXUAIS

Cláudia Pereira **Vianna** – FEUSP

Maria Cristina **Cavaleiro** – UENP

Resumo

Com base em pesquisa sobre vivências de garotas, entre 16 e 17 anos – que se consideram lésbicas, homossexuais ou bissexuais, em uma escola pública estadual de ensino médio na cidade de São Paulo – este trabalho examina os modos pelos quais elas elaboram suas experiências, constroem identidades e, muitas vezes enfrentam a LGBTFobia no ambiente escolar.

As conclusões evidenciam tensões, táticas e astúcias que têm no beijo uma atitude de questionamento da LGBTFobia na escola. As relações escolares também mostram que a discriminação das feminilidades homossexuais ocorre mediante mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, visando o silenciamento e a dissimulação das formas de viver a sexualidade não-heterossexual para ensinar que a experiência dos beijos (e dos afetos) deve ser ocultada.

Assim, são bloqueados vínculos de amor e afeto entre as garotas e legitimando a transformação de diferenças em desigualdades.

Palavras-chave: educação; gênero; LGBTFobia; escola.

LGBTFOBIA NA ESCOLA: O BEIJO ENTRE GAROTAS LÉSBICAS, HOMOSSEXUAIS OU BISSEXUAIS

Com base em uma pesquisa¹ sobre as vivências de garotas, entre 16 e 17 anos – que se consideram lésbicas, homossexuais ou bissexuais, em uma escola pública estadual de ensino médio na cidade de São Paulo – este trabalho examina os modos pelos quais as garotas elaboram suas experiências, vivenciam suas sociabilidades,

¹ Informação omitida durante processo de avaliação.

constroem suas identidades e, muitas vezes enfrentam a LGBTFobia no ambiente escolar.

No âmbito da educação brasileira, muitas pesquisadoras/es destacam diálogos com teóricas/os do pensamento contemporâneo, objetivando desestabilizar os vestígios do essencialismo para as explicações sobre gênero e sexualidade e permitem afirmar que há inúmeros desafios a serem enfrentados nesse campo².

Esses estudos revelam que na escola, ao invés de compreendido enquanto condição social pela qual somos identificados/as como homem ou mulher, o gênero reveste-se de fortes insistências de que formas de masculinidades e feminilidades devem ser estabelecidas como fixas e rigorosamente opostas. As sexualidade e as experiências sexuais, dentre estas a sexualidade não-heterossexual –, parecem, *a priori*, um assunto privado e de pouca importância, que compõe a intimidade e está distante do espaço público. O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola sobre a discriminação, a exclusão, o controle da homossexualidade e a LGBTFobia. Alguns estudos também reiteram o despreparo da escola no trato com a temática e denunciam preconceitos e discriminações tanto por parte de professores quanto de pares (FERRARI, 2000, 2014; CAETANO, 2005; RAMIRES, 2006; JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 2009, entre muitas outras referências).

Um paradoxo insuperável? O garoto gay, na escola, que decide ‘se dizer’ expõe-se ao comentário irônico ou condescendente e, muitas vezes, ao rechaço, às agressões e às violências. Aquele que prefere se calar coloca-se numa situação falsa e, quase sempre, dependente. Como reflexo dessa desigualdade, “ao primeiro, passamos a lição. Do segundo, zombamos” (ERIBON, 2008, p.74). Sempre é a dissimetria que está em ação: o heterossexual tem um privilégio sobre o homossexual.

Assim sendo, revelam-se privilégios e, na sua contraface, desigualdades: ensina-se a homossexualidade pela falta de exemplos não-heterossexuais e jovens homossexuais têm de encontrar uma identidade social para si através da negação da desumanidade homofóbica com a qual convivem. Essa espécie de assédio moral permanente, direto ou indireto, está presente nas inúmeras situações de interação social e pode também resultar na busca de uma existência mais confortável, longe da escola.

² Alguns levantamentos sobre essa produção são: ROSEMBERG, 2001; JARDIM, ABRAMOWICZ, 2005; BORGES. MEYER, 2008; CARVALHO, SOUZA, OLIVEIRA, 2009; FELIPE (2007); MEYER, SOARES, 2005.

Como guardião da ordem clássica, rígida e binária do gênero – masculino/feminino, e das fronteiras sexuais – hetero/homo, há uma espécie de cultura homofóbica que prolifera no ambiente escolar, fazendo da heterossexualidade a única sexualidade considerada aceitável, “compulsória”, reforçada pela generalização do heterossexismo – que prevalece na escola, e em outros lugares da sociedade –, impedindo que a homossexualidade e todas as formas possíveis de vivência das sexualidades possam ser consideradas tão legítimas quanto à heterossexualidade (BORRILLO, 2001; RICH, 1999; AVELAR; BRITO; MELLO, 2010).

Os preconceitos e discriminações assumem expressões diversas contra aqueles/as que questionam a ordem sexual e de gênero, como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo revela que, no Brasil, o índice de homofobia é altíssimo: 27% da população não homossexual – em média – admitiu, conscientemente, preconceito contra homossexuais. Ou seja, trata-se do preconceito assumido (VENTURI, 2008). A referida pesquisa procurou também aferir o preconceito indireto, por meio de perguntas que possibilitaram detectar nuances de discriminação dentre as pessoas que não se achavam homofóbicas. O dado obtido é alarmante: 99% das pessoas manifestaram algum tipo de preconceito velado.

Já existem muitas denúncias em relação à homofobia na escola, mas são poucas as referências a estudos acadêmicos, sobre garotas que revelam seu desejo, sua atração por outras garotas no ambiente escolar: as referências ao lesbianismo são menos comuns. Nesse sentido, cabe alertar para o fato de que o preconceito e a discriminação dirigidos às lésbicas não são da mesma ordem que os da homossexualidade masculina, por isso trazemos a noção de LGBTFobia para marcar as diferenças contidas nas variantes da própria sigla (AVELAR; BRITO; MELLO, 2010).

As garotas que expressam publicamente seu desejo pelo mesmo sexo vivem no espaço escolar sob “a insinuação do medo e da autocensura”, que resvalam para violências distintas. Associam-se também às garotas, “menor visibilidade” decorrente de maior censura social e, conseqüentemente, maiores vulnerabilidades (ABRAMOVAY, CASTRO, SILVA, 2004, p.284-285).

Mediante essa constatação, buscamos compreender o papel das relações de gênero e da sexualidade na edificação do sistema concreto e simbólico no cotidiano da escola e indagar pelas complexas tramas de significados e normas culturalmente disponíveis, bem como pelos modos como as feminilidades são vividas, produzidas, mantidas e reproduzidas no espaço escolar. Para isso, considerou-se necessário

descrevê-las e analisá-las no interior de um conjunto de relações sociais que são, ao mesmo tempo, materiais e simbólicas, isto é, imersas numa cultura.

Entender a cultura como código, como sistema de comunicação, permitiu retomar o conceito antropológicamente e situá-lo mais próximo à condição de vida de todos os seres humanos; é produto das ações humanas, mas também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações (GEERTZ, 1989). É universal porque todos os seres humanos a produzem, mas também local, pois é a dinâmica específica de vida que significa o que o ser humano faz, constitui-se em processo singular e privado e, ao mesmo tempo, plural e público.

Ao se observar a cultura, é possível defini-la como um contexto de trocas que pode ser descrito – os acontecimentos sociais, os comportamentos, as condutas, os processos – de maneira inteligível. Buscar a descrição densa significou interpretar as diferentes situações para depois descrevê-las. Portanto, a análise cultural aqui empreendida é uma leitura possível sobre o real, entendida como uma reconstrução da realidade e não a realidade em si.

A opção por realizar esta investigação numa escola pública de ensino médio, localizada em região da periferia da cidade de São Paulo, foi se construindo em vários momentos, mediante conversas informais com uma das integrantes da equipe técnica gestora. Em uma dessas interlocuções, chamou atenção o relato de uma situação de homenagem especial, realizada logo no início do período matutino de aulas. Uma homenagem dessas que alguém chama um carro de som, ouve-se música, declama-se poesia. Anunciada pelo alto falante, com espocar de fogos de artifício e realizada em frente à escola, tratava-se de um presente encomendado por uma garota, para comemorar o aniversário de alguém que amava: outra garota. Por um tempo, o cotidiano daquela escola foi surpreendido pela festa das garotas. Nos dizeres, da então interlocutora, “a escola parou” e o fato foi amplamente comentado.

A sexualidade não heterossexual explicitada no ambiente escolar foi determinante para a escolha desta escola, mas exigiu o cuidado de não fazer deste o elemento da administração da prova, mas o material indispensável para que o discurso sobre o outro tivesse sentido. Tal postura delineou as ações e o tempo para se debruçar sobre o estranho, o outro enquanto estranho, e o seu significado.

Na investigação empírica realizada na instituição escolar, diversos instrumentos foram utilizados para coleta de dados: observações, questionários, entrevistas individuais semi-estruturadas e grupos de discussão. Para a coleta de dados descritivos,

teve-se acesso às dependências da escola. Os documentos, quando solicitados, foram recebidos e também foi disponibilizada uma sala para guardar o material. Privilegiaram-se observações de situações nos pátios, corredores, enfim, nos ambientes externos existentes fora das salas, em diversos momentos. As informações recolhidas foram posteriormente reconstruídas em forma de palavras ou transcrições literais, feitas em notas de campo. O trabalho de campo também consistiu em realizar entrevistas individuais semi-estruturadas com as jovens e com funcionários/as, dois grupos de discussão – um destes com professores/as e outro com alunos/as, com um total de aproximadamente dezesseis horas que, posteriormente, foram transcritas resultando 265 páginas digitadas.

Beijo, abraço, aperto de mão: sobre scripts sexuais na escola

As observações feitas no trabalho de campo permitem dizer que nessa escola há muitas cenas para os beijos. Em qual escola não há? Nesse espaço, desde crianças, aprendemos inclusive certo significado apaziguador do beijo. Os beijos são gestos significativos nas experiências afetivas dos processos de socialização no aprendizado da sexualidade. Para que os beijos acontecessem ocorriam muitas cenas de insinuações, seduções e atrações intimamente interligadas que aconteciam nos cantos, corredores, portões, bancos. Assim, a experiência do beijo é uma maneira de construir um *script* sexual (PAIVA, 1999, 2006; PARKER, 1991; HEILBORN, AQUINO, BOZON, KNAUTH, 2006).

O conceito de *script* sexual permite compreender os beijos como possibilidades de interação sexual com regras que podem ser explícitas ou implícitas entre os/as jovens. Os *scripts* dependem dos significados das práticas realizadas em cada "cena sexual" e são construídos em articulação com outros sistemas de organização da vida social, nos quais os indivíduos são socializados, por exemplo, as relações sociais de gênero. Os *scripts* sexuais e de gênero conferem sentido sexual às sensações, situações, palavras e estados corporais e estão intimamente interligados no mundo vivido da cultura sexual dos/as jovens.

Muitos *scripts* de beijos, abraços e apertos de mão foram presenciados quando jovens chegavam ao portão externo da escola ou ainda permaneciam na calçada, no pátio externo, no aguardo do primeiro sinal para entrar no ambiente interno. Às segundas-feiras, por exemplo, se comemorava os reencontros dos amigos e das amigas.

Evidenciando padrões de masculinidade esperados (e aceitos) na sociabilidade entre os próprios garotos observavam-se mais os apertos de mãos, combinados com muitas gestualidades (algo como um soco no encontro das mãos cerradas) e abraços na forma de ‘tapotagem’ nas costas. Entre garotos e garotas misturavam-se apertos de mão e abraços mais demorados e efusivos, sorrisos, inventavam-se cumprimentos feitos com as mãos e beijos. Muitos beijos na forma de ‘selinhos’ (os lábios se encostam rapidamente).

Quando os/as alunos/as entravam na escola, ainda em grupos, aos poucos se dispersavam para seguir para suas salas, mas muitos/as permaneciam pelos corredores, em volta da quadra, sentados/as nas arquibancadas, na pracinha, repetindo muitas cenas observadas no espaço externo. Alguns pares que antes trocavam beijos e seguiam para o mesmo caminho de entrada das salas também se despediam. Os beijos e abraços eram mais demorados, “por vezes interrompidos pelos/as colegas que se colocavam no meio dos pares ou pelo chamado insistente da inspetora de alunos/as para que retornassem à sala de aula”. (Nota de campo. Observações no intervalo).

No espaço interno da escola, durante o intervalo, havia um caleidoscópio de interações, as cenas misturavam-se e apareciam com mais frequência os *scripts* de seduções: abraços e beijos mais demorados e para os “beijos mais quentes é melhor ficar num canto mais confortável” (Nota de campo. Garoto, 16 a).

Nas entrevistas individuais e nos grupos de discussão com os/as jovens, descrevemos algumas destas cenas que observamos em diferentes espaços dessa escola, para que iniciássemos a discussão sobre os beijos. Para uma das garotas o beijo associava-se ao carinho, cumplicidade e desejo de contato físico. Um “beijo inesquecível, aquele que eu aguardava, foi muito legal (...) de um jeito romântico” (Entrevista individual. Gabriela, 17 a).

No momento das interações há sentidos que foram pensados antes. Aspecto importante no processo de identização³, uma dinâmica de individuação e de aprendizagem tanto individual quanto coletiva.

O beijo entre garotos e garotas demonstra o caráter de socialização e modelação cultural da sexualidade. Afinal, “todo mundo que namora ou fica beija, não é mesmo?”. Numa das cenas, ao se despedir, um aluno sai em direção ao amigo e exclama num tom de voz bem alto: “Quero é beijar muito, pois essa menina é muito gostosa!” (Nota de

³ Refere-se ao uso do conceito de *identizazione* por Alberto Melucci (2004, p.48), dirigido ao exame da permanente construção das múltiplas e cambiantes formas de definição das identidades coletivas.

campo. Observação na pracinha). O garoto anunciava seu *script* e nos próprios termos também emitia as razões pelas quais sentia que poderia ter algum tipo de atividade sexual. Desta forma ensaiava uma identidade pública – heterossexual – para ser reconhecida pelos outros e por ele mesmo.

Os beijos são planejados a partir da combinação de práticas de escolhas próprias. Às vezes, num *script* de enamoramento o beijo é uma experiência que não pode demorar tanto para acontecer. Caso isso ocorra, toma-se uma atitude: “dar uns dois passos e beijar. Porque se dependesse dela não ia ser assim”. (Entrevista individual. Raquel, 17 a).

As observações realizadas e os depoimentos colhidos permitiram perceber que para vivenciar o beijo há práticas e sentidos que estruturam e limitam a sexualidade e mais amplamente a vida social no cenário onde muitas vezes prevalece a LGBTFobia.

Quando a LGBTFobia se traveste de cuidado

Numa acepção de dicionário, um exagero significa que algo está sendo feito com excesso e se traduz como abuso. Na discussão dos limites para beijos considerados exagerados nessa escola, uma das professoras relata que “duas meninas, que se beijavam no pátio da escola e foram chamadas na sala da coordenadora para ver o que seria feito. [...] para protegê-las [...] evitar que sofressem com tal exposição, pois isso era um exagero”. Durante o diálogo pretendido com as garotas, uma das professoras que foi chamada para ajudar na “conversa” destacava que se tratava de um procedimento comum: “um cuidado que também ocorre em relação às atitudes de menino ou menina que se beijem escandalosamente, (então), é feito a todo instante se a gente passa no corredor e tá sobrando beijo e abraço”.

Entretanto, o beijo entre as garotas além de ser considerado “um exagero” também agregava a conotação de escândalo. Essa conversa foi realizada numa sala (da coordenadora) e prescrevia-se às garotas que:

quando vocês duas decidem dar um beijo na boca, vocês sabem que não vão mais passar pelo corredor, despercebidas, todas vocês serão apontadas, faladas. Então o que vocês querem (é) uma vida normal? Vocês querem chamar atenção, vocês querem viver o amor de vocês da forma que acham que devam? Essa atitude vai fazer com que fiquem procuradas aqui dentro. (Professora. Grupo de discussão)

Na estratégica retórica do discurso em nome do cuidado desvelava-se a o estigma da proibição do beijo, sugere-se que as garotas faziam algo que não deveria ser realizado em público e nem deveria ser percebido. A suposição da heterossexualidade constitui, por si só, uma violência simbólica cotidiana contra aqueles e aquelas que não partilham desse sentimento presumidamente comum. A sexualidade não-heteronormativa se constituiu em um “problema” na medida em que as garotas requisitavam visibilidade e pertencimento social diante de posturas que afirmavam a LGBTFobia na escola. Um jogo sutil dos discursos autorizados para ensinar que a experiência dos beijos (e dos afetos) deve ser ocultada:

foi uma conversa para dizer que não tinham como continuar com esse temperamento[...] evitar que tivessem problema, e que não viessem mais para a escola. Por isso (foram) alertadas [...] sobre cada atitude que têm (pois) vocês são aquilo que fazem (Professora, grupo de discussão).

Materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, percebe-se os efeitos da matriz organizativa da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 1990, 2005) ou da LGBTFobia. A cumplicidade da escola com a heteronormatividade explícita, sem titubear, que sofrerão a depreciação diante dos outros. Se não aprenderem a silenciar sobre si mesmas, a rejeitar e ignorar os próprios desejos resta-lhes o preconceito. Afinal, se uma garota declarasse sua atração ou interesse por um garoto, seria aconselhada a “não continuar com esse temperamento”?

O preconceito é uma construção social cuja finalidade é expor a inferioridade dos indivíduos e o risco que apresentam, visto que opõe o diferente aos considerados normais. No entanto, o que é considerado normal e o diferente não são apenas pessoas, quem transgride as normas representa uma ameaça para a ordem estabelecida.

São processos de desvalorização que produzem iniquidades sociais, reforçam aquelas já existentes e implicam em sentimentos associados à percepção de depreciação e pelo medo de ser discriminado/a; muitas vezes intensificados pela discriminação social, que consiste em ações ou omissões que são danosas ou que negam bens, serviços ou prerrogativas às pessoas excluídas.

Quando as garotas são culpabilizadas verbalmente “por aquilo que fazem e que são” (Professores/as. Grupo de discussão) referindo-se a característica pessoal inerente ou perceptível, relacionada com um dado grupo (homossexuais), algo que obriga ao “encobrimento” e ao “acobertamento”, ressalta-se um discurso discriminatório, em que o atributo indesejável é depreciado e visto como inferior ao “ideal” social. Relatos de

jovens durante a discussão em grupo revelam desvalorizações e flagrantes processos de discriminação em relação às garotas e, por conseguinte, às relações não-heterossexuais. Nos fragmentos sublinhados, percebem-se repreensões, seguidas de enunciados que se repetem até a exaustão, desvalorizando as garotas, desqualificando suas experiências e vivências afetivas e sustentado ameaças:

Tem uma inspetora da tarde que uma vez a gente estava conversando e ela falou assim: 'Aqui eu deixo namorar, desde que não seja menina com menina e menino com menino. Porque se quiser fazer isso, que faça fora da escola'. Ela contou que deu advertência para duas alunas que estavam se beijando (Garoto, 17 a. Grupo de discussão)

Eu vim com meu namorado aqui na escola para resolver alguma coisa [...] estávamos de mãos dadas, e eu estava abraçada com ele. A inspetora da tarde se aproximou e disse: 'É tão bonitinho ver um casal assim, é difícil hoje em dia você ver um casal que troca carinho e tudo. [...] peguei duas meninas no maior amasso ali, eu adverti mesmo. E ainda disse: duas meninas se beijando é uma falta de respeito [...] duas meninas se beijarem, aqui não é lugar pra isso' (Garota, 17 a. Grupo de discussão)

Relatos como esses revelam a transformação de diferenças em desigualdades: enquanto os/as jovens podem repartir com seus pares a experiência do beijo, as garotas não-heterossexuais devem refrear essa satisfação como algo vergonhoso. Na discussão do significado do beijo entre as garotas essa transformação é flagrante:

Posso ser sincera? Um beijo na boca entre mulheres choca, isto me choca. Eu também não estou preparada ainda. (Professora, grupo de discussão)

(É) um comportamento chocante um beijo entre as garotas [...] acho nojento, eu acho nojento, se forem dois homens se beijando, duas mulheres se beijando, eu acho nojento (Professor, grupo de discussão).

Um tempo de espera solicitado às garotas que demonstra nas entrelinhas, uma aceitação tácita das regras apoiadas num mundo (hetero) normativo – um mundo sem homossexuais. Para isso, as garotas devem ocultar seus afetos, para que não incomodem os olhos dos outros. Uma forma específica de LGBTFobia – a lesbofobia (BORRILLO, 2001) – mantém a discriminação em sua forma dissimulada, menos explícita, mas não menos presente e causando prejuízos.

Proposições, imposições e proibições fazem sentido e constituem parte significativa da vida de Gabriele, uma das garotas entrevistadas na escola, que relata ser chamada para conversar com a coordenadora pedagógica na sala da diretoria:

a gente estava na sala de aula e chamaram a gente porque a gente tava brincando, a gente não estava nem se beijando, eu estava brincando com ela (a namorada) e aí uma das inspetoras viu e ficou nervosa, falou que a gente estava com baixaria na escola. Aí levou a gente pra direção, e eu comecei a observar os casais hétero, e eu vejo que eles fazem muitas coisas e a escola não está nem aí [...] já prenderam até minha carteirinha aqui na escola, da primeira vez que eu fui chamada na direção (Gabriele. 17 a. Entrevista individual)

Não é difícil perceber que a própria garota ao ouvir a declaração sobre seu namoro também reconhece uma recusa pública da homossexualidade quando reivindica sua equivalência à heterossexualidade. Ainda que não soubesse das regras, parece que aos poucos Gabriele teve que se reconhecer nesse “jogo”. Numa de nossas conversas num dia de visita à escola, ela dizia que “estava mais comportada e achava que as pessoas não têm que ver o que não gostam”. Na sua entrevista, a garota afirma não ter medo de escândalo, “mas não quero ser alvo, não quero fazer escândalo nenhum porque nem todo mundo é obrigado a ver”. (Gabriele. 17 a. Entrevista individual)

Dizer isso significa reconhecer que as relações não-heterossexuais são alvos de escândalos. A LGBTFobia é sentida na depreciação a que Gabriele se refere, ao dizer que não quer ser alvo de escândalos. Vivendo um processo intensificado pela discriminação social nas vezes que fora chamada para uma conversa termina por perceber que “nem todo mundo é obrigado a ver”. Uma lição aprendida na escola: silenciar sobre si mesma como se fosse abjeta.

Quando as garotas são proibidas de expressar seus afetos e levadas para uma sala para uma conversa especial, tal ação parece ser concebida como proteção, para que não sejam molestadas, mas revela uma precaução, uma prática insidiosa que fomenta a LGBTFobia na escola e imprime uma expectativa constante da não-aceitação e da segregação social. Trata-se aqui de pensar a educação no sentido da justiça social, reconhecendo que a estigmatização consiste na ética regulada pela iniquidade.

O que jovens como Gabriele têm em comum com outros/as jovens no ambiente escolar (e também fora dele)? Uma contingência histórica: terem nascido em uma sociedade hostil à homossexualidade e frequentarem uma escola que reforça a LGBTFobia.

Levando em conta que em nossa sociedade, a homossexualidade é uma dimensão do processo de identificação que constitui motivo de discriminação e exclusão, há traços que determinam sua especificidade, dentre estes, a capacidade de simular. A simulação se torna um recurso que permite às pessoas manejarem as informações acerca

de sua sexualidade em função de distintos interlocutores, espaços e momentos, diante da ausência de apoio material e afetivo nos núcleos que compõem os processos de socialização – família, escola e amigos/as.

As identidades homossexuais podem ser qualificadas como “discretas”, incluindo os vários sentidos oferecidos a essa palavra. Num primeiro campo de significados, “discretas” são as pessoas que falam ou atuam com moderação, aquelas que sabem guardar um segredo, que se preocupam em não molestar os demais. Qualifica-se a si mesmo de discreto (ou discreta) aquele (a) que não chama demasiado a atenção. No campo dos significados linguísticos pode-se entender que os elementos discretos são fisicamente distintos, desagregados e nos termos de uma análise sociológica, pode-se pensar que discretos são elementos delimitáveis, separados ou alienados (PECHENY, 2004).

Conferindo o sentido de alienada, distinta, separada, ou seja, apartada socialmente dos demais, a experiência e vivência da sexualidade na vida dessas garotas na escola é colocada sob a ordem da discriminação indireta, nem por isso, menos grave, e da discriminação antecipada (ou temida), que em conformidade com uma ordem hipócrita, confina a homossexualidade no âmbito privado e impede sua expressão pública na relação de afeto e amor. Ainda que por meio de uma discriminação indireta – que por ser indireta não é menos grave – as garotas são impedidas de manifestarem publicamente seus afetos no ambiente escolar.

A discriminação é uma violação dos direitos humanos. O princípio de não-discriminação, baseado no reconhecimento da igualdade de todas as pessoas, está no centro da Declaração Universal dos Direitos Humanos (e em outros documentos sobre direitos humanos). Entre outras, estes textos proíbem a discriminação baseada em raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, riqueza, nascimento ou outras condições. Questões de direitos dizem respeito à escola. São questões de cidadania. A cidadania “consiste não em receber, mas em executar o ato pelo qual cada indivíduo marca o que outros oferecem às necessidades do viver e do pensar” (BRITZMAN, 2001, p. 159). Sentidos importantes para considerar que os beijos entre as garotas não-heterossexuais na escola não são conveniências, donativos ou inclusive prerrogativa que dependa sempre da sensibilidade ou do bom senso no ambiente escolar.

Gestos singulares que exigem o reconhecimento social. Um reconhecimento de fato e um reconhecimento de direito. Devem ser ocultados? Questões de cidadania.

No entanto, os espaços da escola são ocupados pelos/as jovens nas cenas que acontecem, mediante uma gama de relações de poder e desigualdades “em relação aos recursos, às possibilidades de reconhecimento, à sustentabilidade de estratégias de identidade disponíveis para pessoas em diferentes posições sociais”, um “circuito de produção de identidade” (EPSTEIN, JOHNSON, 2000, p. 89).

O canto no fim do corredor é escolhido nos momentos de intervalos ou quando escapam de alguma aula. De acordo com Carla, a inspetora, ao passar por ali, ela tem atenção especial para perceber se é necessário segurar as pontas. Segurar as pontas, de acordo com ela, significa chegar perto e alertar para que tomem cuidado, pois ali é um “lugar de alguns exageros”.

Diante desse controle há também formas de escapulir dos poderes vigentes. Esses procedimentos certamente estão presentes no cotidiano da escola. São as práticas cotidianas dos sujeitos, com suas diversas maneiras de fazer, seus variados modos de proceder que, organizando micro-subversões, alteram o compasso esperado.

Durante entrevista cedida por Carla, surgiu novamente o relato sobre a utilização dos espaços. De acordo com ela, há um “*box*” localizado no banheiro das garotas onde acontecem os contatos mais íntimos e “quentes” entre garotos e garotas. No “*box*” do banheiro das garotas é um lugar que “se deixar correr solto tudo acontece”. (Entrevista individual. Carla. Inspetora de alunos/as).

Na entrada, nos intervalos programados, nas aulas vagas, nas combinações para escapar das aulas, nos corredores, cantos, bancos, pátios, arquibancadas e muretas, a pracinha e o banheiro das garotas; uma circulação de experimentação, prazer e aventura que pode ser pensada num matiz de temperaturas: morno, quente e muito quente.

Ainda de acordo com a inspetora de alunos/as, nos horários de pouca circulação, quando as aulas transcorrem, no canto localizado no final do corredor episodicamente algumas garotas se beijam. Um dos lugares escolhido por garotas para “ficarem” com outras garotas também é o banheiro, mas “o jeito é um pouco diferente”. As garotas que vão ao banheiro, ficam no *box*, mas não chegam às “vias de fato”. Nesse local, as garotas trocam carícias mais fortes. (Entrevista individual. Inspetora de alunos/as)

O que são carícias mais fortes? A resposta dada pela inspetora permite deduzir que o parâmetro utilizado não é o mesmo para os pares heterossexuais. As garotas “se beijam mais demoradamente – na boca –, trocam carinhos e carícias em contato corporal mais próximo. Algo muito parecido com os carinhos que garotos e garotas

fazem quando estão namorando pelos corredores, na pracinha, nos bancos”. (Entrevista individual. Inspetora de alunos/as)

Os atos de resistência que as garotas não-heterossexuais concretizavam na prática cotidiana de suas vivências na escola revelavam suas astúcias e invertiam a ordem a seu favor: “a ida ao banheiro é combinada quando não tem ninguém. A gente sai da aula e vai para o box do banheiro [...] existem muitas meninas que são bissexuais ou lésbicas que vão pra lá” (Gabriele.17 a .Entrevista individual.)

Se as regras estão postas, sobre elas pode-se agir subvertendo, buscando espaço para aquilo que não está previsto, golpeando lance a lance, astuciosamente, essas regras. No que se refere às possibilidades de reconhecimento da identidade, se não é possível na frente de todo mundo, o banheiro é um lugar utilizado para tal finalidade. Um trabalho secreto que elege e distribui autoridades diferentes daquelas “oficiais”, criando "ocasiões" para a conquista de metas e objetivos, por isso, ir ao banheiro também é relatado com um sorriso, ao revelarem esses ardis cotidianos.

Em uma de nossas conversas, feita no intervalo, Isabele dizia que adorava vir para a escola e que sentia muita atração por garotas, mas ainda assim, só “ficava no banheiro”, em virtude do medo de ser rejeitada pelo grupo de amigas e de ter que esconder de sua madrinha – pessoa com quem mora – que “vivia dizendo que isso é a pior coisa do mundo” (Nota de campo. Conversa no intervalo. Isabele, 17 a.).

Entre alunos e alunas, os gestos de carinhos, em sua forma heterossexual, não são regulados pelo medo do olhar reprovador, nem provocam repulsas. As garotas percebem a construção autoritária de normas que privilegiam heterossexuais:

Pra meninos e meninas, qualquer lugar. Agora pra meninas só dentro do banheiro. Porque fora não pode. Ah, não sei, acho que nem dentro do banheiro é tão seguro, mas lá ainda rola. Porque se acontecer fora, acho que falam pra direção. Então acho que se for ver mesmo, não tem lugar dentro da escola não (Isabele, 17 a. Entrevista individual)

A socialização daquelas que manifestam atração pelo mesmo sexo inclui a dissimulação, a obrigação de rejeitar em si mesmas seus sentimentos e negar seus desejos. A ordem da dissimulação peremptória que lhes é impingida fazia com que os espaços jogassem papel importante na socialização dessas jovens, exigindo-lhes cálculos dos riscos e possibilidades. Aprender as táticas para trapacear as regras. São táticas de sociabilidade, de política e de formação identitária.

Individualmente, as garotas encontram no banheiro o lugar da experiência, uma experiência discreta. Separada. Tal como discretos são os lugares aos quais são

chamadas para “conversar” sobre suas “transgressões”. Também discretos são os gestos que podem – e devem – ter; ouvem todo o tempo os dizeres: sejam discretas entre si. A invisibilidade e a dissimulação forçada cumprem sua função: zelar pela experiência da sexualidade valorizada, normatizada.

Assim, se o gênero não é meramente reflexo natural de seres classificados primariamente como machos e fêmeas, expressa relações de poder e incide agudamente sobre elas como construção cultural que influi no comportamento e nas identidades de gênero (BRITZMAN, 1996).

Como decorrência, a LGBTFobia tem a ver, num primeiro momento, com policiar a identidade de gênero, em vez de se relacionar diretamente com a sexualidade. É por essa razão, que as pessoas homossexuais não são as únicas vítimas da LGBTFobia. Esta se dirige a todos/as que não aderem à ordem de gênero: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais que têm personalidade forte ou que tenham gestualidade ‘menos delicada’, homens heterossexuais ‘de maneiras delicadas’ e mulheres homossexuais. Entende-se que a homofobia é igualmente a negação das relações entre mulheres que não correspondem à definição tradicional de feminilidade, ou seja, a ‘lesbofobia’ “que constitui uma especificidade no cerne de outra: a lésbica sofre uma violência particular advinda de um duplo menosprezo pelo fato de ser mulher e ser homossexual” (BORRILLO, 2001, p. 30-32).

Um menosprezo, uma espécie de indiferença que permite aproximá-la da ideia da “fase”, “algo que vai passar”. As jovens que, de algum modo, não se conformam às convenções de gênero e sexualidade, carregam um “sentimento passageiro”? Seriam personagens que seguem vivendo no espaço escolar a ordem da insinuação do medo e da autocensura, para que permaneçam apagadas – ocultas, menos visíveis – e suscetíveis de “reparação” por meio da intervenção salutar de um jovem homem “de verdade”?

O silêncio ou a invisibilidade forçada não devem ser confundidos com sinal de ausência. No caso de uma identidade sexual velada, invisível trata-se de uma dupla falta, que legitima e sanciona tanto o silêncio completo – mascarando e construindo, simultaneamente, o heterossexismo e a LGBTFobia – como a dissimulação. Para jovens que estão lidando com o reconhecimento privado ou público de sua sexualidade, as experiências são profundamente afetadas pelo contexto cultural no qual se inserem incluso a escola.

Precisamos enfatizar que, embora os dispositivos de poder estejam no cerne da socialização cultural na vida escolar para vigiar e controlar alunos e alunas, em se

tratando das garotas não-heterossexuais, emprega-se o mecanismo para legitimar desigualdades de *status*, dentro da estrutura social, mantida o tempo todo sob a exigência que elas sejam “discretas”. Em última análise, portanto, estamos falando em desigualdade social. Trata-se de uma violação aos direitos humanos (o direito a não-discriminação) e no, caso específico da escola, ao direito à educação, que inclui, entre outros, o direito legítimo de reconhecimento dessas garotas – com seus beijos, afetos e sentimentos – no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- AVELAR, R. B. DE; BRITO, W.; MELLO, L. A (in) *segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas. Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar*, p. 309–355, 2010.
- BORGES, Zulmira; MEYER, Dagmar. Limites e Possibilidades de uma Ação Educativa na Redução da Vulnerabilidade à Violência e à Homofobia. *Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v.16, n.58, p.59-76, jan/mar, 2008.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.
- BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jun., 1996.
- _____. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, Luis Heron da (org). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p.154-171.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York; London: Routledge; Champman & Hall, 1990.
- _____. *Cuerpos que importam: sobre los limites materiales e discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- CAETANO, Márcio. *Os gestos do silêncio para esconder as diferenças*. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- CARVALHO, Marília Pinto de; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista. Jovens, sexualidade e gênero. In: SPOSITO, Marília (coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm. 2009. v. 1. p. 229-214.

EPSTEIN, Debbie ; JOHNSON, Richard. *Sexualidades e instituição escolar*. Madrid: Ediciones Morata, 2000.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Pro-Posições*, v. 18, n. 2 (53), p.77-87, maio/ago. 2007.

FERRARI, Anderson. *O Professor frente ao homoerotismo no contexto escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

FERRARI, Anderson. Experiência Homossexual no contexto escolar. *Educar em Revista*, v. 1, p. 101-116, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

HEILBORN, Maria Luíza; AQUINO, Estela Maria Lima de; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva. O. (orgs.). *Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. p. 29-57.

JARDIM, Sílvia Regina Marques; ABRAMOWICZ, Anete. Tendências da produção paulista sobre gênero e educação: um balanço de dissertações de mestrado. *Estudos RBPG*, v. 2, n. 3, pp. 93-117, mar. 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2009.*

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/SECAD/UNESCO, 2009. p.85-93.

MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria Isabel E. (orgs.). *Caminhos investigativos III: Riscos e Possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

PAIVA, Vera. “Cenas sexuais, roteiros de gênero e sujeito sexual”. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidade e poder*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p. 250-269.

_____. “Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos”. In: CACERES, Carlos; CAREAGA, Glória; FRASCA, Tim e PECHENY, Mario (orgs.). *Sexualidad, estigma y derechos humanos - desafios para el acceso a la salud en America Latina*. Lima: FASPA/UPCH, v. 1, 2006. p. 23-52.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: BestSeller, 1991.

_____; PIMENTA, Cristina e TERTO Jr., Veriano (orgs.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. pp. 17-33. Disponível em <http://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20homossexualidade.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2008.

PECHENY, Mario. Identidades Discretas. In: RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Wagner. *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p.16-36.

RAMIRES, Lula. *Habitus de Gênero e experiência escolar: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: FEUSP, v. 27, n.1, p. 47-68, ja./jun. , 2001.

SCOTT, Joan W. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988.

VENTURI, Gustavo. Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil. Intolerância e respeito às diferenças sexuais. *Revista Teoria e Debate*, nº 78, julho/agosto 2008. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=4017>>. Acesso em: 03 de março de 2009.